

PROBLEMÁTICA DA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA*

PATRICK CHARAUDEAU

Universite de Paris-XIII

Resume:

La complexite de l'analyse lexico-semantique mène l'auteur – où il faut tenir compte de plusieurs points de vue (semiotique, linguistique et de la communication) – a elaborer une methodologie et a discuter cette analyse sur trois niveaux: le plan conceptuel (lieu du semantisme generalise ou celui du "noyau semique"), le plan de la langue (lieu de l'organisation structurale du signe) et le plan du discours (lieu de la manifestation linguistique concrete). La constitution semique de quelques exemples est examinee, a propos du phenomene de la creativite lexicale, dans trois types d'activite linguistique: la technique, la populaire et argotique, la poetique. Les transferts semantiques sont aussi consideres. Finalement, l'auteur envisage l'"architecture" du signe, en combinant seulement le plan conceptuel et le plan de la langue. Il arrive ainsi a proposer une methodologie que rend compte du "Fonctionnement-Constitution" du langage, qui se deroule en deux phases: une phase analytique (du "Corpus en Combinatoire libre" et du "Corpus en Combinatoire figee") et une phase synthetique (la procedure de Structuration et *hierarchisation* par rapport au noyau semique, c'est-a-dire, l'etablissement de l'"Architecture").

Resumo:

A complexidade da análise léxico-semântica – em que preciso levar em conta vários pontos de vista (semiótico, linguístico, da comunicação) – leva o Autor a elaborar uma metodologia e a discutir essa análise em três níveis: o plano conceptual (lugar do semantismo generalizado ou do "núcleo semico"), o plano da língua (lugar da organização estrutural do signo) e o plano do discurso (lugar da manifestação linguística concreta). A constituição semica de alguns exemplos é examinada, em três tipos de atividade lingüística: a técnica, a popular e da gria, a poética. São consideradas também as transferências semânticas. Finalmente, o autor considera também a "arquitetura" do signo, combinando apenas o plano conceptual e o plano da língua. Chega, assim, a propor uma metodologia que de conta do "Funcionamento-Constituição" da linguagem, que se desenvolve em duas fases: analítica (do "Corpus em Combinatória livre" e do "Corpus em Combinatória fixa") e sintética (o procedimento de Estruturação e *hierarquização* em relação ao núcleo semico, ou seja, o estabelecimento da "Arquitetura").

* TRADUÇÃO DE MARIA APARECIDA BARBOSA

0. INTRODUÇÃO

Uma metodologia deve ser pragmática mas não deve contradizer os dados teóricos da ciência a que diz respeito. Dessa maneira, deve-se desenvolver simultaneamente a reflexão metodológica e a reflexão epistemológica, para evitar que se permaneça num empirismo que não se relacionaria a nenhuma teoria. Ora, somente a teoria – por mais modesta que seja – torna possível a transmissão do conhecimento.

Num artigo anterior (1), tentamos mostrar, ao mesmo tempo, a complexidade do processo de comunicação, enquanto realidade existente – jogo de “consenso e especificidade” entre EU-VOCE – e os componentes que presidem ao desencadeamento e funcionamento de semelhante processo: “EU e VOCE”, “Sentido e Significação”, “Situação de Enunciação”.

Trata-se agora de situar, em relação a essa reflexão de caráter semiótico, uma metodologia da análise lexico-semântica. Entretanto, situar uma metodologia em relação a um quadro teórico semiótico significa, não somente tomar consciência do que deve ser rigorosamente levado em conta, para não cair no erro que assinalamos mais acima, como também proceder a certo número de reservas, colocar provisoriamente algumas coisas entre parênteses, sem os quais nenhuma metodologia poderia ser constituída.

Para tanto, retomaremos os conceitos precedentemente definidos e interrogar-nos-emos sobre as consequências metodológicas que acarretam para a análise lexico-semântica.

1. SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO: SEMÂNTICA DA LINGUA OU SEMÂNTICA DO DISCURSO?

1.1 Definimos o *Sentido* (2) como o semantismo de um *Enunciado* fora da enunciação, pois repousa sobre o “consenso” estabelecido pelos indivíduos de uma comunidade socio-linguística, “consenso” que é o produto de certo número de processos de comunicação efetuados por esses mesmos indivíduos.

Definimos a *Significação* (3) como o Semantismo de um *Discurso* em enunciação, com toda a sua “especificidade”, “especificidade” devida às características particulares dessa Situação de Enunciação.

Mostramos, ao mesmo tempo, que Sentido e Significação, Enunciado e Discurso imbricam-se um no outro.

Todo discurso encerra sempre um ou vários enunciados, com seus respectivos Sentidos, pois que constituem, ao lado do “consenso”, a própria condição do processo de comunicação. Quanto ao enunciado, não

deveria jamais existir isoladamente, já que, se há processo de comunicação, há Situação de Enunciação e, por conseguinte, “especificidade” de Significação, ou seja, produção de um Discurso. Se, pois, existe Enunciado isolado, e que foi fabricado — isto é, extraído de seu quadro enunciativo — por razões experimentais — o que, por sinal, é perfeitamente legítimo.

Na realidade, se nos situarmos no ponto de vista da aquisição da linguagem, a criança somente recebe Discursos com toda a sua especificidade, pois que os “circunstantes” dirigem-se a ela, sempre em Situação de Enunciação. Contudo, a criança constroi para si mesma, progressivamente, um código que repousa sobre os “consensos” estabelecidos pela comunidade de que depende, código que lhe permitirá, em seguida, produzir Discursos específicos. Tudo se passa como se, através de um processo de abstração e de generalização, ela distinguisse o que pertence ao Sentido-Enunciado que lhe permite *constituir* um código, e o que pertence à Significação-Discurso que lhe permite fazer *funcionar* o processo de comunicação, tomando consciência ao mesmo tempo, de que cada novo *funcionamento* pode obrigar a modificar a *constituição* do código.

Essa dualidade Funcionamento-Constituição da linguagem torna difícil estabelecer uma metodologia lexicosemântica, já que propõe uma primeira questão: que signo lexical deve ser estudado? Aquele que aparece com toda a sua especificidade, quando do funcionamento da comunicação, ou o signo que faz parte da constituição do código geral da comunidade socio-lingüística? Por outras palavras, deve-se fazer uma Semântica do Discurso ou uma Semântica da Língua?

Gostaríamos de mostrar que não há incompatibilidade entre esses dois pontos de vista metodológicos. Antes, porém, examinemos, com um pouco mais de cuidado, semelhante dualidade “Funcionamento-Constituição da linguagem”.

1.2 O FUNCIONAMENTO: CRIAÇÃO LINGÜÍSTICA E TÉCNICA DO DISCURSO

— O funcionamento da linguagem, quando do processo de comunicação, utiliza determinada técnica, que tem suas particularidades, e a que se pode chamar *técnica do Discurso* por oposição às leis estruturais do código — A Competência.

— Não podemos discutir as mínucias dessa técnica de Discurso, dadas as limitações deste artigo, mas gostaríamos de mostrar os aspectos essenciais dessa técnica, à qual subjaz o que se pode chamar *atividade de designação*. Para tanto, observe-se o fenômeno da criação lexical em três tipos de atividade lingüística:

- a) “Atividade técnica”,
- b) “Atividade popular e da gíria”,
- c) “Atividade poética”.

a) *Atividade técnica*. Trata-se, aqui, de um caso em que os indivíduos de um micro-grupo socio-linguístico estão diante de um objeto ou de um fenômeno percebido de uma nova maneira, num campo de experiência particular, e que desejam nomear, tendo como objetivo a comunicação. Devem, pois, dedicar-se a um procedimento de designação específica, com uma “intenção” objetivante.

Temos, então, o domínio tradicional da neologia que parte de uma necessidade cognitiva.

Como se faz semelhante designação?

Ela se faz sempre *a partir* de signos já existentes na língua, dada a dificuldade de inventar uma forma linguística inteiramente nova, independentemente da língua pré-existente. Às mais das vezes, procura-se uma *similaridade* entre a forma e/ou a função do objeto percebido, de um lado, e os componentes semicos dos significados de outros signos, de outro.

É o que se dá, por exemplo, entre a percepção da forma de um instrumento que serve para levantar um automóvel e um dos aspectos do significado /macaco/; entre a forma de uma ferramenta que serve para introduzir por baixo de uma porta, forçar e levantar, e, ao mesmo tempo, um traço do significado /pe/ e um traço do significado /cabra/, para formar o signo “pê-de-cabra”.

Chega-se, assim, a um fenômeno geral de “empréstimo semico”. Trata-se, pois, de um modo de criação linguística que se faz *a partir de formas de conteúdo* já existentes e *através* de “esquemas de memória” que servem como “esquemas-modelos”, para tais transferências semânticas. Consideremos, então, três tipos gerais de “Esquemas”:

– Esquemas de semas genéricos:

Por exemplo: “Animado-Animal” → “Inanimado-Material”

Semelhante esquema permite denominações do tipo “pê-de-cabra”, para uma ferramenta; “porca”, para a peça complementar de um parafuso; “macaco”, para um instrumento mecânico, etc.

– Esquemas de semas específicos:

Exemplo: “agulha” /instrumento de costura/

→ “agulha” /de toca-discos/

semas: /extremidade/ + /finura/

“barbatana” /parte do peixe/

→ “barbatana” /peça para segurar o colarinho da camisa/

semas: /extremidade/ + /flexibilidade/ + /finura/

– Esquemas de *semas* funcionais:

Exemplo:

“chave” /chave/ → “chave da aboboda” /pedra central de uma aboboda/

sema: /para abrir ou fechar/

“cavalo” /animal de tração/ → “cavalo-mecânico” /parte anterior de caminhão articulado/

sema: /para puxar/

b) *Atividade expressiva popular e de gíria*. Nesse caso, o sujeito falante já dispõe de um signo para designar “diretamente” o objeto ou o fenômeno que pertence a certo campo de experiência. Contudo, como vimos no caso precedente, em que o referente ainda não havia sido nomeado, essa designação sempre se faz segundo um ponto de vista, ou seja, que o homem escolheu, ao nomeá-lo, para projetar determinada visão linguística sobre a realidade; e isso se verifica se compararmos diferentes línguas (cf. esp. “gato”/ port. “macaco”).

Por outras palavras, toda designação se faz através de uma “relação humana”, do homem ao objeto, o que significa que essa relação é relativa e pode variar no interior de uma mesma comunidade.

Com efeito, constata-se que o objeto-feito-signo pode pertencer, enquanto signo, a classes diferentes, pois que entra em diferentes campos de atividade humana. Assim, oferecendo um copo de vinho a alguém, pode-se dizer-lhe: “tome esse *copo*”, “prove esse *vinho*”, “bebe esse *tinto*”, “prove esse *cabernet*”, ou seja, essa mesma realidade pode ser percebida de diferentes pontos de vista – *quantidade, classe de bebida + apreciação, classe de gêneros de vinhos, de marcas*, etc. – pontos de vista manifestados por signos particulares, conservando cada um desses signos os traços distintivos que lhes são próprios. – “copo” significa /copo/ /, “vinho” significa /vinho/ /, “tinto” significa /tinto/ /.

Essa possibilidade de designações variadas de um mesmo referente chama-se “Designação múltipla” (Coseriu, 4, Structure, p. 43 (4):

– Seja que o referente pertença a classes diferentes, como já dissemos; assim, um *doente* num quarto de hospital podera ser ao mesmo tempo: *seminarista, soldado* (no serviço militar), *sobrinho* do médico, o que justifica que ele seja designado de maneiras variadas.

– Seja que o referente seja designado por um dos seus aspectos ou por outro termo que tem uma *similaridade* de *significado* em relação ao termo de designação direta. Assim, por exemplo: “garrafa” por “bebida”, “teto” por “casa”, “saia” por “mulher”, etc., como também os

enunciados ironicos ou eufemísticos. Nesse caso, a denominação é subjetiva, ja que privilegia a visao particular do sujeito falante.

– Seja, enfim, que essa “designação oblíqua” (expressao tomada de A.J. Greimas (5): “*définition oblique*”, *Semantique*, p. 87) seja explicitada no discurso por meio de comparações: “e liso como uma enguia”, “trabalha como um escravo”, “forte como um touro”, etc. Tais contigüidades somente sao possíveis se se pressupõe uma rede de associações criada por determinada comunidade, rede que representa uma projeção da visão humana sobre as coisas do mundo real atraves da língua.

Compreende-se, pois, que a atividade linguística popular e relativa a gíria ou calão utilize constantemente essa designação multipla, pois que, graças a esta, o sujeito falante, ou o grupo, pode manifestar sua expressividade e sua especificidade.

c) *Atividade poetica*. Utiliza, ao mesmo tempo, o *emprestimo semico*, tal como existe na atividade técnica, e a *designação oblíqua*, tal como existe na atividade expressiva.

Tomemos, por exemplo, um poema de J. Guillen: “Relieves” (Cantico). Constata-se, a certo nível de leitura (6), que Guillen joga com as linhas geometricas:

- /reto/ + /verticalidade/: “relieves, resaltan, ascienden, castillo en la cima, soto, ermita”.
- superficie plana/ + /extensao/: “raso, era, resol, soledad, caliza, se extrema”.
- /curvo/ + /envolvimento/: “puente, envolvente, rondan, cercos”.

Desse modo, utilizando tais signos em determinado contexto, Guillen atualiza certos traços semicos que lhe servem para “falar o mundo” de uma maneira oblíqua – em relação à linguagem comum – e, por conseguinte, para construí-lo segundo a sua própria visao; os procedimentos retóricos sobre os quais se apoia a atividade poética repousam todos sobre esse princípio de *Transferencia semantica*, que se diversifica, em seguida, em vários tipos particulares. E, uma vez mais, constatamos que essa atividade criadora se faz sempre *a partir* de signos preexistentes.

De maneira geral, ve-se que o funcionamento da linguagem, quando do processo de comunicação, faz uso de uma “técnica do Discurso”, cujo princípio basilar é a *Transferencia semantica*, princípio que, por sinal, torna extremamente difícil a apreensão do signo, já que este se encontra diferentemente atualizado conforme o contexto.

1.3 A CONSTITUIÇÃO

Toda essa atividade de *designação* e de *transferencia semantica*, caracterizada principalmente pela projeção sobre o mundo real da visao humana, conduz a Constituição, na língua, de redes semanticas que nao sao jamais definitivas, mas nas quais, em razao da necessidade de estabelecer “consensos”, como dissemos mais acima, constata-se certo numero de constantes, mesmo no curso da historia da língua.

Voltamos a encontrar, aqui, a oposiçao entre *diversidade da Significação* e *constante do Sentido*, contudo, oposiçao que se resolve, entao, em *coexistencia* e *interaçao*.

Com efeito:

a) Retomemos o fenomeno da Transferencia semantica. A transferencia se realiza no momento da produçao do discurso, segundo determinada tecnica. Ao final dessa transferencia, podem apresentar-se tres casos:

1) A transferencia somente é decodificavel no contexto particular do discurso produzido. Ela pertence, pois, apenas a esse discurso e tem um carater individual, na medida em que nao é retomada e adotada pela totalidade da comunidade lingüística.

Assim sucede com a maior parte das transferencias que sao levantadas na atividade poética.

Por exemplo, no poema de J. Guillen citado mais acima “Relieves”:
/verticalidade/; /aspereza/; /anatomia feminina/.

2) A transferencia se fixa, isto é, é retomada e adotada pela totalidade da comunidade lingüística, dando lugar a novos signos. Esses signos podem ser complexos, do ponto de vista morfologico, mas nem por isso deixam de ter um valor unitario, no plano sintáxico e semântico: dizemos que sao expressões *lexicalizadas*.

Nesse caso, os signos que compoem a expressao perdem sua integridade semântica mas conservam um ou varios traços distintivos de seu significado, traços distintivos que constituem a “motivação” da expressão:

“Olho de lince”. “Olho” → /Função visual/

“olho de cabra”. “Olho” → /rotundidade/ + /brilho/

“cabeça de vento”. “Cabeça” → (Função intelectual)

“cabeça de ponte”. “Cabeça” → /extremidade/ + /superioridade/.

Contudo, esses novos signos podem igualmente ser simples do ponto de vista morfológico. Da mesma forma, tem uma “motivação” que é constituída por um ou varios traços semicos que foram tomados do significado de base:

“cabo” → / / acidente geografico/ /	Traços mantidos:
“cabo” → / / cabo de vassoura/ /	/rotundidade/
“cabo” → / / condutor eletrico/ /	/extremidade/

Temos, entao, a *polissemia*, isto e, o fato de que varios signos diferentes possuem em comum alguns traços semicos.

3) Finalmente, ocorre que o significado de base seja perdido; houve ruptura do liame de motivação, e se chega, desse modo, a uma verdadeira homonímia:

“cadeira”	/ / móvel para sentar-se/ /
“cadeira”	/ / disciplina ou área de ensino/ /

b) Ao mesmo tempo, propõe-se o problema da integração dos novos signos no código lingüístico (Língua), ou, de alguma maneira, o problema da hierarquização das Transferências.

A partir de que momento a transferência de discurso se fixa em língua, para dar lugar a um novo signo?

É difícil responder categoricamente a semelhante questão e oferecer, assim, um critério preciso para testar tal fenómeno.

Assim, por exemplo, percebe-se claramente que “tocar” → / / tocar alguma coisa/ / e “tocar” → / / tocar um instrumento musical/ / são dois signos diferentes, mesmo se é possível adivinhar o traço semico comum/contacto com/. Ve-se igualmente que “reloj” → / / vida concreta/ /, em Guillen, é uma transferência que pertence ao Discurso de Guillen, ou seja, à sua conceptualização do universo, mas de modo nenhum, na sua qualidade de signo integral, ao código da comunidade lingüística. Ao contrário, pode-se perguntar se “tocar” → / / ação de tocar alguma coisa/ / e “tocar” / / ser contíguo/ / (“as fronteiras de nossos países se tocam”) são dois signos ou um mesmo signo ligeiramente diferenciado por esses dois contextos: “*tocou-lhe o ombro*”/ “*toquei-o para apreciar sua consistência*”, já que o segundo tem os traços semicos /preensão/ e /manipulação/ que inexistem no primeiro.

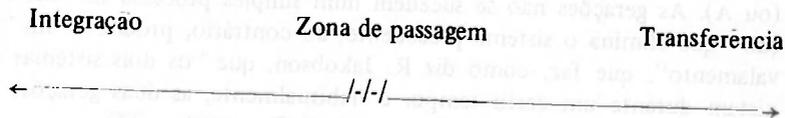
A intuição não é, pois, suficiente mas se pode apoiá-la com um dado de observação, na falta de um critério infalível que se possa propor.

2) Ora, é possível determinar esse D.E. de um ponto de vista linguístico, fazendo-se a intersecção dos contextos que tem a mesma combinatória semântica (“contextos isotópicos” (7)). Por exemplo, a intersecção dos contextos isotópicos do signo “tocar” permite distinguir certo número de D.E., como: “Atividade física de alguém em relação a alguém ou alguma coisa”. Exemplo: “Não se deve tocar um diapositivo com os dedos”; “Atividade intelectual de alguém em relação a alguma coisa não material”. Exemplo: “Fique tranqüilo, não tocarei esse assunto para diante”.

3) Se, pois, um signo tem-lhe atribuído um D.E. e isso é *verificável* num conjunto de contextos, temos, então, integralmente um signo, ainda que este apresente pontos comuns em relação a outro signo que tenha o mesmo significante (Polissemia).

Se esse signo extrai o seu semantismo apenas do contexto próprio de um Discurso específico, estamos diante de um caso de transferência.

4) Isso não impede que nos deparemos com casos difíceis de decidir. Isso se deve precisamente ao fato de que a língua encontra-se em Constituição permanente, o que explica que sejamos obrigados a representar o fenómeno da integração sobre um eixo contínuo que vai da transferência de Discurso à integração em língua, passando por uma zona instável em que o signo não se acha ainda totalmente integrado.



1.4 CONCLUSÃO: *Funcionamento e constituição* da linguagem encontram-se em interação constante. Assim, não se pode deixar de **reconsiderar** o conceito de Sincronia, já que, em virtude dessa interação, a Constituição do código se faz no tempo, ao curso do qual se perdem etimologias,

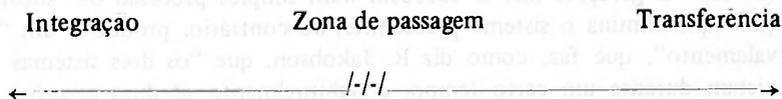
1) Todo signo linguístico nasce em um discurso que funciona num processo de comunicação e propõe certa visão linguística do universo (“proposição sobre o mundo”, como diz A.J. Greimas, *Semantique*). Essa visão linguística recorta uma porção do universo, criando, assim, um campo de experiência ao qual se chama, de acordo com B. Pottier, *Domínio de experiência* (D.E.). O D.E. é, pois, o “campo de atividade significativa” no qual nasce o signo e, pois, no qual aparece o signo em seguida, se não há transferência.

2) Ora, é possível determinar esse D.E. de um ponto de vista linguístico, fazendo-se a interseção dos contextos que têm a mesma combinatoria semântica (“contextos isotópicos” (7)). Por exemplo, a interseção dos contextos isotópicos do signo “tocar” permite distinguir certo número de D.E., como: “Atividade física de alguém em relação a alguém ou alguma coisa”. Exemplo: “Não se deve tocar um diapositivo com os dedos”; “Atividade intelectual de alguém em relação a alguma coisa não material”. Exemplo: “Fique tranquilo, não tocarei esse assunto para diante”.

3) Se, pois, um signo tem-lhe atribuído um D.E. e isso é verificável num conjunto de contextos, temos, então, integralmente um signo, ainda que este apresente pontos comuns em relação a outro signo que tenha o mesmo significante (Polissemia).

Se esse signo extrai o seu semantismo apenas do contexto próprio de um Discurso específico, estamos diante de um caso de transferência.

4) Isso não impede que nos deparemos com casos difíceis de decidir. Isso se deve precisamente ao fato de que a língua encontra-se em Constituição permanente, o que explica que sejamos obrigados a representar o fenômeno da integração sobre um eixo contínuo que vai da transferência de Discurso à integração em língua, passando por uma zona instável em que o signo não se acha ainda totalmente integrado.



1.4 CONCLUSÃO: *Funcionamento e constituição* da linguagem encontram-se em interação constante. Assim, não se pode deixar de reconsiderar o conceito de Sincronia, já que, em virtude dessa interação, a Constituição do código se faz no tempo, ao curso do qual se perdem etimologias,

motivações e se ve surgirem transferencias e, em seguida, novos signos. Disso resulta que, se fizermos um corte na história da língua, para realizar um estudo Sincronico, arriscamo-nos a oferecer uma imagem incompleta do estado de uma língua.

Mas estamos, entao, no domínio da metodologia e pretendemos examinar agora que conseqüências se poderiam extrair desse conjunto de observações, para a análise lexico-semântica.

2. CONSEQÜÊNCIAS METODOLOGICAS: AS BASES DA ANALISE LEXICO-SEMÂNTICA

2.1 *A noção de Sincronia*: é relativa e pode englobar uma grande extensão de tempo. Com efeito, “as estruturas funcionais podem se manter por um tempo mais ou menos longo, o que significa que sua sincronia interna ultrapassa sua simultaneidade com outras estruturas da língua. Assim, encontram-se muitas estruturas lexicais idênticas na língua de Balzac e no francês literário de hoje” (E. Coseriu, *Structure lexicale*, p. 26).

P. Guiraud constata o mesmo, observando: “dentre o conjunto de estruturas que constituem um sistema, algumas têm grande generalidade e estabilidade. Há algumas coisas que não se modificaram desde as origens do idioma, algumas são comuns ao conjunto dos dialetos ou, até mesmo, a vastos grupos linguísticos.” (Structures, p. 193 (8)).

Assim, se se deseja descrever uma língua em funcionamento, torna-se necessário situar-se, de início, não no quadro de uma “Sincronia de estruturas” mas no de uma “Sincronia da língua”, “para assegurar a simultaneidade do funcionamento das estruturas descritas”. (E. Coseriu, *op. cit.*, p. 27).

Com efeito, o processo de evolução de uma língua não consiste numa passagem brutal de uma estrutura a outra. Há sempre um período de coexistência paralela de duas estruturas, antes que uma delas seja eliminada, de acordo com o mecanismo bem conhecido $(A) \rightarrow (A/B) \rightarrow (B)$ (ou A). As gerações não se sucedem num simples processo de “substituição” que elimina o sistema precedente; ao contrário, produz-se um “acavalamento”, que faz, como diz R. Jakobson, que “os dois sistemas coexistam durante um certo tempo, e habitualmente, as duas gerações têm uma ou outra forma de comércio entre elas” (Essais (9), p. 37).

Isso explica que “o conhecimento da língua nos sujeitos falantes e, por conseguinte, suas possibilidades de funcionamento ultrapassem a atualidade abstrata, pontual” (E. Coseriu, “Structure”, *op. cit.*, p. 27). Isso explica, pois, que, se se deseja tomar em consideração a dualidade

“Funcionamento-Constituição” da linguagem, num procedimento de análise, seja necessário situar a análise numa “Sincronia ampla”, para “reconstruir o sistema em sua própria sincronia, que subsume as sincronias transitórias próprias aos diferentes estados da língua (P. Guiraud, “Structures”, p. 194).

2.2 *Estrutura, Arquitetura e Semantismo generalizado*

Resta saber se há compatibilidade entre essas duas exigências de um procedimento de análise lexico-semântica.

a) De um lado, vimos que o Funcionamento da linguagem repousa sobre transferências, criações linguísticas, que nos obrigam, como dizíamos, a ser pragmático e, pois, a estudar o signo em seu contexto específico, no interior de uma micro-estrutura, ou seja, em “Domínio de Experiência”.

b) De outro lado, acabamos de ver que a interação “Funcionamento-Constituição” da linguagem nos incita a situarmos-nos numa “sincronia ampla”, o que tem por consequência que tentemos dar conta da totalidade de transferência de um signo, que as hierarquizemos e que delas possamos extrair os liames semicos, praticamente — se for o caso — um “núcleo semico”.

De fato, é necessário levar em conta essa diferença de ponto de vista em qualquer estudo lexical mas é preciso observar, também, que o segundo ponto de vista é complementar do primeiro, ao mesmo tempo em que o pressupõe.

Com efeito,

— Situar-se ao nível de uma única série contextual (Isotópica) que conduz a um único Domínio de Experiência, é procurar destacar uma estrutura.

— Pretender dar conta do conjunto de séries contextuais nas quais se encontra um signo (vários D.E.), como suas transferências, corresponde a tentar estabelecer a “Arquitetura” do signo, do ponto de vista sincrónico. Contudo, percebe-se que a “Arquitetura” é um conjunto *relacionado e hierarquizado* de “Estruturas” e é por tal razão que esta pressupõe aquela em todo procedimento de análise.

Tomemos alguns exemplos:

Exemplo A: Seja o lexema “boca”, em três significações diferentes:

1) // parte do rosto //

- 2) /embocadura/ /
- 3) /orifício ou abertura/ /.

Do ponto de vista do “Funcionamento” da linguagem, estamos, aqui, diante de *três signos diferentes*, na medida em que se inscrevem, cada um deles, numa micro-estrutura particular que corresponde, cada uma delas, a um D.E., particular.

Em relação a 1), o *conjunto estrutural* é composto de: “nariz”, “olhos”, “orelhas”, etc. conjunto extraído de uma *série contextual* do tipo: “Adriana tem uma boca linda”, que revela o D.E.: /Descrição do aspecto físico do rosto humano/.

Em relação a 2), temos:

Conjunto: “saída”, “embocadura”, “final”, etc.

Contexto: “a boca do São Francisco”

D.E.: /Descrição de um curso d’água/.

Em relação a 3), temos:

Conjunto: “abertura”, “orifício”, etc.

Contexto: “A boca do forno”

D.E.: /Descrição de objetos ociosos, côncavos/.

Contudo, do ponto de vista da “Constituição”, observa-se que entre 1), 2) e 3) há um traço semico comum: /abertura/ e que entre 2) e 3) há igualmente o traço comum /passagem/. A propósito, encontra-se esse sema em transferências que se tornaram mais ou menos lexicalizadas: “boca de urna”, “boca do estômago”, “em boca fechada não entra mosca”, etc., achando-se presente o sema a título de *motivação* e não como significado da expressão.

Em outras transferências, observa-se que é conservado o sema /cavidade obscura/, donde a expressão “boca de lobo” (/ muito escuro/ /), ou ainda o sema /atividade da fala/, donde as expressões “fechar a boca”, “de boca em boca”, etc.

Por outras palavras, cada emprego desse lexema tem um sentido estrutural original que pertence a um D.E. particular, mas se considerarmos a totalidade de seus empregos, obter-se-á uma “Arquitetura” cujo ponto de convergência dos diferentes liames semicos é um “Núcleo”, em que se encontram somente alguns traços semicos.

Exemplo B: Seja o lexema “campo”. Faremos a mesma série de observações que efetuamos em relação ao exemplo A.

- 1) /campo/ /

Conjunto: “campina”, oposto a “montanha”, “mar”

Contexto: “Costuma passar as férias no campo”.

D.E.: /Descrição geográfica/.

- 2) //pedaço de terra cultivada//
Conjunto: “terra”, “horta”, “cultivo”
Contexto: “Foi trabalhar no campo”
D.E.: /Cultura/.
- 3) //fundo, segundo plano//
Conjunto: “fundo”, “segundo plano”
Contexto: “Vermelho em campo azul”
D.E.: /Descrição de perspectivas/.
- 4) //terreno de aviação//
Conjunto: “terreno”, “pista”
Contexto: “Aterrizou fora do campo de aviação”
D.E.: /Aviação/.
- 5) //zona de iluminação ou de atração//
Conjunto: “zona”, “foco”, etc.
Contexto: “campo magnetico”
D.E.: /Física/.

Constata-se aqui também que, apesar da multiplicidade de significados, encontra-se um sema comum: /zona de extensão/ que se especifica e se combina com outros semas, segundo as aproximações que faremos.

Uma vez mais, procurar reagrupar e hierarquizar todos esses significados em torno do mesmo “Núcleo semico” corresponde a estabelecer a “Arquitetura” do lexema estudado.

Antes de concluir, tomemos um último exemplo, um pouco diferente dos precedentes, pois que se trata de um lexema verbal.

Exemplo C: Seja o lexema “partir”.

O estudo de alguns verbos de movimento (10) permite por em evidência vários significados:

1) //Dividir//

Exemplo: “O espigão da Avenida Paulista *parte* a cidade de São Paulo em uma zona nobre e outra popular”.

2) //Cortar//

Exemplo: “Tia Maria *partia* o bolo em fatias rigorosamente iguais, para evitar os protestos dos garotos”.

3) //Quebrar, Rasgar//

Exemplo: “*Partiu* o braço num acidente de automovel”.

4) //Abrir//

Exemplo: “O terremoto *partia* o solo, despenhavam-se os homens nas horríveis fendas.”

Os semas comuns a esses quatro significados são:

/movimento/ + /distanciamento/ + /seccionamento/.

Evidentemente, seria necessário levar mais adiante o estudo desses termos, que fizemos aqui, para detectar definitivamente todos os contextos, em relação a determinado estado de língua. Percebe-se, contudo, desde logo, que essas afinidades entre os diferentes conjuntos — cuja totalidade constitui a Arquitetura —, situam-se *para além da língua funcionando* (“Plano Conceptual” — ver Conclusão mais adiante).

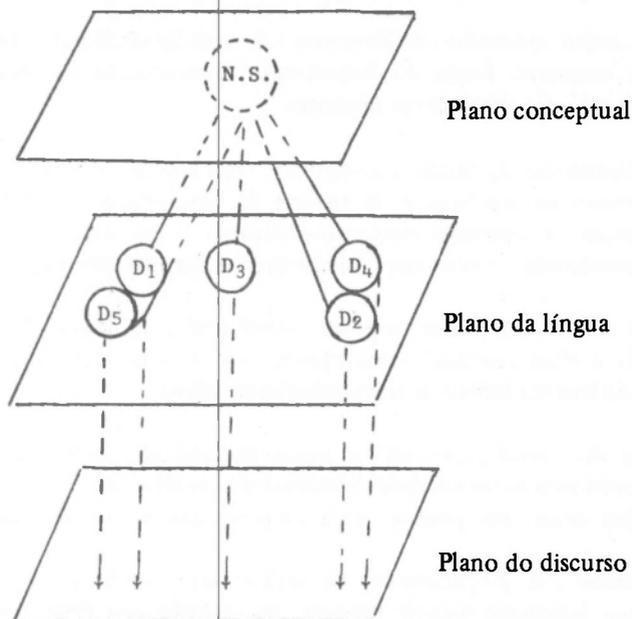
Assim, no decurso dessa interação Funcionamento-Constituição da língua, produz-se um fraccionamento, e uma maior ou menor especificação do conteúdo semântico de dada forma. A organização das variedades e diversidades desses semantismos, em torno de um mesmo Núcleo, em relação a uma mesma forma de conteúdo, constitui a *Arquitetura semântica dessa forma*.

2.3 Conclusão: O Núcleo semico e os diferentes níveis de análise

a) Isso mostra que, quaisquer que sejam as diversidades das realizações semânticas de um termo, na superfície do discurso, estas têm sua origem em um semantismo profundo, o qual é raramente manifestado enquanto tal.

b) Poder-se-ia retomar a hipótese — já proposta por vários lingüistas, ainda que de diferentes maneiras — de um modelo metodológico de três níveis. Um desses níveis, o mais profundo, seria o lugar das virtualidades das significações, situado aquém dos sistemas de signos observáveis. Este é, para nós, o ponto de partida do Funcionamento e da Constituição da língua, lugar do semantismo generalizado a que chamamos “Núcleo semico”.

Poder-se-ia, então, representar os três níveis da seguinte maneira:



Plano do Discurso: Lugar da manifestação linguística concreta, ao nível do qual se realiza o Ato de Comunicação individual, destinado a ser recebido e interpretado por um destinatário em determinado quadro enunciativo (11).

Plano da Língua: Lugar de organização estrutural do signo. O semantismo dos signos em língua depende dos D.E., os quais são, eles próprios, mais ou menos específicos.

Exemplo:

D.E.	Geografia		“Campo”	≅	//prado//
D.E.	Cultura		“Campo”	≅	//terra cultivada//
D.E.	Aviação		“Campo”	≅	//terreno de aviação//
D.E.	Física		“Campo”	≅	//zona de iluminação ou de atração, foco//.

Nesse nível, por conseguinte, uma mesma Forma pode pertencer a D.E. diferentes e entrar em redes de oposição diferentes, o que faz que

estejamos diante de vários signos, ainda que neles se reconheçam pontos comuns.

Temos, então, o domínio da *Estrutura* e de uma *Semântica de Língua*.

Plano conceptual: Lugar do Semantismo Generalizado ou “Núcleo semico”, cujas características são as seguintes:

– É constituído de semas conceptuais, cuja reunião é o resultado, ao mesmo tempo, da *descrição* e da *história* de uma língua natural, neutralizando, assim, a oposição Diacronia-Sincronia, e se situando numa Sincronia considerada como *um estado-de-língua-ponto-de-chegada de uma história*.

– Cada um desses semas deve ser reconhecido, ao termo de uma análise, como o mais *rentável*, semicamente, isto é, como encontrando-se na origem do maior número de transferências possíveis.

Trata-se do “nível potencial” a partir do qual se “in-formam” os signos, de acordo com as necessidades histórico-sócio-culturais.

Definidos estes três pontos, resta escolher um ponto de vista de análise.

Escolhemos um procedimento de análise que combina esses três planos, porque buscamos manter presente na estruturação final a dualidade Funcionamento-Constituição da língua. Assim, pois:

1) Partindo do plano Discurso, tentamos separar a *significação* específica devida ao quadro enunciativo, para detectar em contexto o *sentido* dos signos.

2) Em seguida, no plano da Língua, passamos em revista a diversificação dos signos, em função dos D.E. (Estruturas).

3) Enfim, tentamos hierarquizar e organizar essa diversidade semântica em torno de um ou de vários Núcleos semicos (Arquitetura).

Assim, acham-se propostas as bases de nossa análise lexico-semântica, com a definição dos conceitos: “Sincronia ampla”, “Enunciação”, “Estrutura e D.E.”, “Arquitetura e Núcleo semico”.

3. TRATAMENTO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

3.1 *Plano do Discurso e procedimento de Redução*

a) Logo de início, o fato de que as transferências possam fixar-se e dar lugar a seqüências fixas que são expressões lexicalizadas (v. 1.2), obriga-nos a dividir nosso *corpus* – que é constituído por uma série de contextos isotopicamente múltiplos em torno de uma mesma forma de conteúdo – em dois subconjuntos. O conjunto das seqüências em que o signo se encontra em “combinatória livre” com os seus co-ocorrentes (por exemplo, “boca”, em “Essa garota é bonita mas tem uma *boca* muito grande”) e o conjunto das seqüências em que o signo se encontra em “combinatória fixa”, com os signos que o envolvem (por exemplo, “boca” em “Em *boca* fechada não entra mosca”). Com efeito, nesse segundo caso, os signos da seqüência fixa se fundem semanticamente, para formar uma nova unidade lexical, que não tem nada a ver com a precedente, ainda que aí se encontre, a título de motivação, um ou dois semas do signo em combinatória livre (por exemplo, aqui, os semas /abertura/ e /atividade de fala/). A identidade do Significante não deve, pois, enganar-nos, já que estamos tratando com signos totalmente diferentes, e, além disso, precisamente neste caso, a expressão lexicalizada e complexa do ponto de vista morfológico e será necessário tratá-la de maneira particular (12).

Distinguimos, pois, claramente, Corpus em combinatória livre e Corpus em combinatória fixa.

b) *Redução da Significação ao Sentido.* Trata-se, aqui, de eliminar provisoriamente o que pertence à Significação dada pelas condições de Enunciação.

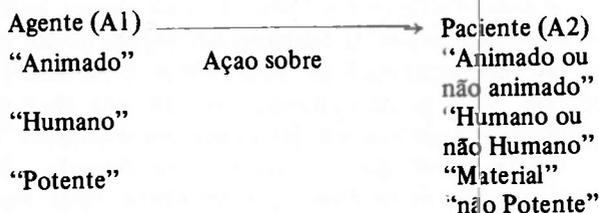
Assim, por exemplo, quando se procede à análise do lexema “TO-CAR”, condições particulares de enunciação podem enriquecer esse signo com uma significação de /afetividade/, em um discurso do tipo: “A irmã aproximou-se do irmão, *tocou-o* no ombro e murmurou timidamente...” Essa significação não será levada em conta e somente será conservado o Sentido de /contacto físico/ desse contexto.

c) *Redução da Combinatória.* Em um *Corpus* em “combinatória livre”, podemos ter vários contextos aparentemente diferentes mas que, na realidade, respondem às mesmas condições de combinação do signo. Trata-se, então, de extrair o esquema combinatorio subjacentes e comum a todos os contextos.

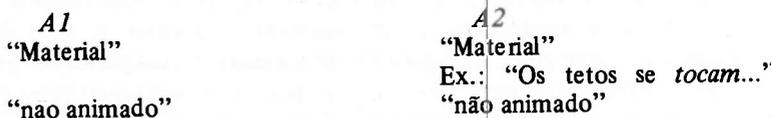
Por exemplo:

- 1) “Meu irmão *tocou-me* a cabeça com as mãos e me beijou”
- 2) “O cego ergueu-se repentinamente, estendendo as mãos até *tocar* o peito do amigo, e exclamou...”
- 3) “*Toquei* o tecido para apreciar-lhe a suavidade”
- 4) “João viu que o cego, *tocando* o solo com sua bengala, dirigia-se para uma porta estreita”.

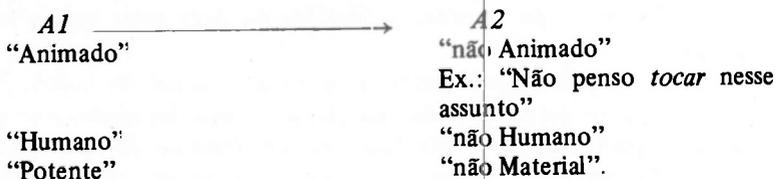
Esses quatro contextos, aparentemente diferentes, já que não se tem nunca o mesmo sujeito exatamente, nem o mesmo objeto, respondem, no entanto, ao mesmo esquema combinatorio de base:



A busca desses esquemas permite por em evidencia as diferenciações do lexema; assim, em relação a TOCAR, temos, além desse esquema, o esquema seguinte, em que:



e, ainda, o esquema em que:



Noutros casos, isso é ainda mais nítido; em frances, por exemplo, tem-se dois esquemas de base fundamentalmente diferentes em relação a “TOUCHER”, que correspondem aos enunciados do tipo “*toucher le bord de la table*” e do tipo “*toucher de l’argent*”.

3.2 Plano da Língua e procedimento de Estruturação

a) Uma vez feita a redução do *corpus*, em combinatoria livre, é necessario retomar os subconjuntos de contextos por esquema de base e detectar as isotopias gerais, cujos reagrupamentos conduzirão aos D.E.

Assim, em relação a TOCAR, encontram-se tres D.E.:

Atividade física		Ex.: “ <i>Tocou</i> o ombro da jovem”
Atividade psicologica		Ex.: “ <i>Tocou</i> o no ponto fraco”
Atividade intelectual		Ex.: “Não penso <i>tocar</i> nesse assunto”.

b) No interior de cada D.E., forma-se o conjunto de oposições dos signos que permitiram apreender o semantismo específico do signo estudado.

Desse modo, simplificando, temos, para “TOCAR”:

– D.E. 1) —————→ Conjunto 1)

“tocar, roçar, acariciar, manejar, etc.”

– D.E. 2) —————→ Conjunto 2):

“tocar, ferir, acertar, alcançar...”

– D.E. 3) —————→ Conjunto 3):

“Tocar, tratar, mencionar, falar...”

c) Pode-se, então, proceder à análise semica, que deve levar em conta tanto os resultados obtidos, quando da Redução do *Corpus* de combinatoria livre, como os traços distintivos específicos que se pode detectar a partir dos conjuntos de oposições.

Em relação a “TOCAR”, temos:

– D.E. 1) —————→ Conjunto 1) —————→ Sistema semico
/ /Contato físico de alguém ou de alguma coisa como resultado de um movimento oriundo do agente/ /

– D.E. 3) —————→ Conjunto 3) —————→ Sistema semico:
/ /Atividade verbal de uma pessoa a propósito de alguma coisa/ /.

N.B. Essa não é a análise completa de “TOCAR”. Trata-se, apenas de uma ilustração do procedimento de análise e que, evidentemente, foi extremamente simplificada.

– Por exemplo, o Sistema Semico de 1) é mais refinado; Seria necessário fazer intervir semas do tipo /preensao/ v.s. /nao preensao/; /manipulação/; /alteração/ v.s. /nao alteração/; etc.

Da mesma forma, fizemos uma apresentação grosseira do sistema semico que poderia ter aparecido sob a forma de uma série de semas acrescentados, mas isso tornaria necessária uma longuíssima digressão, para justificá-lo.

d) Enfim, será preciso analisar o *Corpus* em Combinatória fixa, que havíamos provisoriamente deixado de lado, submetendo-o a um tratamento diferente.

Com efeito, trata-se de, nas expressões lexicalizadas, distinguir com precisão o “*sentido global*” da expressão, isto é, o Significado dessa uni-

dade lexical, e a “*motivação*” dos signos que a compoem.

Assim: “Os sinos tocavam a morte” tem por “Sentido global” /anunciar a morte/ /, enquanto “*tocar*” conserva, aqui, apenas o traço semico /contacto/ (“*Motivação*”).

Da mesma maneira: “O navio *tocará* em Santos” tem por “sentido global” /aportar/ / e por *motivação* /contacto/.

3.3 *Plano Conceptual e procedimento de hierarquização (Arquitetura)*

Uma vez tratados o *Corpus* em Combinatória livre e o *Corpus* em Combinatória fixa, resta detectar o Nucleo semico e hierarquizar signos, expressões lexicalizadas e transferências em relação a esse Nucleo.

Esse trabalho é bastante delicado e nos propomos a expo-lo num próximo artigo.

Notaremos, simplesmente, que se deve encontrar no Nucleo o ou os semas que deram lugar ao maior número de transferências, por exemplo, em relação a “TOCAR”, temos os semas /contacto/ + /duas entidades/. Contudo, a esse Nucleo são ligados alguns satélites compostos de semas igualmente “*rentáveis*”; por exemplo, /com movimento/, /sem movimento/, /com potência de uma das entidades/, etc.

Observaremos, igualmente, que expressões lexicalizadas e transferências não devem ser postas no mesmo plano. As expressões lexicalizadas são integralmente signos, enquanto as transferências são o resultado de uma enunciação de discurso, inteiramente contingente. Diremos, pois, se pensarmos num dicionário, que as primeiras devem nele figurar com a menção do ou dos semas de *motivação* – coisa jamais realizada – enquanto as segundas não deveriam nele encontrar-se, ou, então, a título de simples indicação dentre os “jogos de linguagem” possíveis.

4. CONCLUSÃO

A guisa de conclusão, resumamos:

4.1 Há diversos pontos de vista de análise léxico-semântica mas todos devem levar em conta uma reflexão teórica e metodológica, a saber:

a) Diferença entre *Sentido* e *Significação*. *Enunciado-fora-de-enunciação* e *Discurso-em-enunciação*.

b) A Dualidade “Funcionamento-Constituição” da linguagem, mesmo que se deva neutralizar em seguida (quando da análise) um dos componentes.

c) Os tres planos metodologicos para a analise dos fatos de lingua-
gem – Plano do Discurso, Plano da Língua, Plano Conceptual.

4.2 No que nos concerne, escolhemos um ponto de vista de analise que busca manter a Dualidade “Funcionamento-Constituição” e é por essa razao que escolhemos o ponto de vista da “Arquitetura” de um signo, que combina o plano da língua e o plano conceptual, colocando de lado, provisoriamente, a especificidade da Enunciação que se acha no plano do Discurso e que nao é previsível em sua totalidade.

4.3 Enfim, essa concepção metodologica nos leva a seguir um procedi-
mento de analise que se desenvolve, essencialmente, em duas fases:

Fase analítica:

– Testar os contextos para constituir dois *corpus*: “*Corpus* em Combinatoria livre” e “*Corpus* em combinatoria fixa”.

– Proceder a uma *Redução* do “*Corpus* em Combinatoria livre”, do ponto de vista *semântico* (Sentido/Significação) e do ponto de vista da *combinatoria* (Sintaxico-semantica).

– Analise dos contextos para detectar a *isotopia geral*, que permite, em seguida, proceder aos reagrupamentos em D.E.

– Analise do *Corpus* em Combinatória fixa: levantamento dos *sentidos e motivações*.

Fase sintetica:

– Reagrupamento dos contextos por D.E.

– Levantamento do *conjunto de oposições* correspondente a cada D.E.

– Estabelecimento do *sistema sêmico*, em função de cada conjunto de oposições.

E o procedimento da Estruturação.

– Tomar em consideração o conjunto dos resultados a respeito de cada *corpus* e a *hierarquização*, em relação ao *Núcleo sêmico*.

É o estabelecimento da “Arquitetura” (13).

NOTAS:

- 1 P. Charaudeau, “Sens et Signification”, in *Cahiers de Lexicologie* n° 21, Didier, 1972, II.
- 2 *Op. cit.*
- 3 *Op. cit.*